

REFLEXÃO SOBRE A GÊNESE DA VIOLÊNCIA

Marta Echenique

INTRODUÇÃO

A violência está cada vez mais presente em nosso dia a dia.

Muito além dos delitos que se convencionou chamar de violência urbana - assassinatos, sequestros, roubos e outros tipos de crime contra a pessoa ou contra o patrimônio - com os quais nos assustamos e muito nos preocupamos, a violência abrange comportamentos tais como desrespeito sistemático às normas de conduta social estabelecidas pelos códigos legais ou pelos costumes, malversação do dinheiro público, corrupção, incompetência administrativa, imperícia profissional, infrações de trânsito, ocupação indevida de espaços públicos e privados, negligência causadora de acidentes, desrespeito ao consumidor e ao cidadão. Estes comportamentos estão tão banalizados e a eles estamos tão acostumados que não nos damos conta do quanto enfraquecem o tecido social, prejudicam as relações, corroem a qualidade de vida das pessoas.

É violência todo o tipo de discriminação, preconceito e exclusão social. É violência tudo que atropela os direitos humanos, tudo que afasta o homem da realização plena de sua humanidade, tudo que o priva da possibilidade de viver como um ser social e solidário.

Grande ênfase tem sido dada necessidade de aprimorar políticas de segurança pública. Sem diminuir a importância destas reivindicações e levando em conta que a abordagem da violência envolve, necessariamente, aspectos sociais e psicológicos, este trabalho focaliza alguns aspectos da construção da identidade, através dos quais a violência se instala e se desenvolve, com vistas a determinar pontos de possível intervenção psico-social.

REFLEXÃO

A formação de sociedade brasileira foi, historicamente, violenta. A exclusão social e política, a dominação e as desigualdades econômicas, sociais e culturais, que têm origem já no início da colonização, são formas de violência. Toda prática e toda idéia que reduza um sujeito à condição de objeto, que viole alguém interna ou externamente é violência e, neste sentido, somos todos vítimas e agentes da violência, em grandes e pequenas coisas do cotidiano.

No entanto, vivemos sob mito da não-violência, isto é, nos consideramos um povo cordial, generoso, alegre, solidário, que desconhece o racismo e respeita as diferenças étnicas, religiosas e políticas.

Não nos percebemos como um povo violento, porque a violência estrutural e institucional sempre esteve presente, tão natural que quase não nos damos conta. A violência que estranhemos, que nos tira a segurança e a tranquilidade, é aquela que se dirige ao mundo privado e ameaça o nosso cotidiano, rompendo a rede das relações de convivência mantenedoras da estrutura social.

Se há causas sociais que geram violência, também é verdade que o comportamento violento não pode ser atribuído a uma única causa – genética, biológica, social ou psicológica.

Sem querer minimizar a gravidade de nossas questões sociais, observa-se que a pobreza não produz necessariamente violência. Tanto é assim, que regiões extremamente pobres do Nordeste apresentam índices de violência muito menores do que aqueles verificados em áreas como São Paulo, Rio de Janeiro e outras grandes cidades.

A excessiva concentração de pessoas nas grandes metrópoles provoca aumento das tensões, ao mesmo tempo que o enfraquecimento do controle social, quer seja pelo anonimato e impessoalidade das relações, quer seja pela omissão do Poder Público, facilita a ocorrência de condutas anti-sociais que comprometem as condições de vida e de convívio. A violência se instala mais facilmente nas áreas urbanas onde a infra-estrutura de serviços é precária ou insuficiente e há dificuldade em encontrar trabalho. Muitas vezes é praticada por jovens da classe média e, mesmo entre os mais pobres, alguns estudos demonstram que cerca de 90% dos casos de delinquência são provocados por motivações de consumo, não pela necessidade ou pela miséria.

Os fatores de risco podem se reforçar e se influenciar mutuamente e à estrutura sociopolítica somam-se as trocas interpessoais, como elementos determinantes na construção das personalidades violentas.

Em reportagem da revista *Veja*, de 15 de outubro de 1997, sob o título “Pais ausentes”, a jornalista Flávia Varela relata que elefantes jovens que cresceram longe da família começaram a matar rinocerontes em parques-reservas da África do Sul.

Para evitar a superpopulação, cerca de 1500 filhotes foram retirados do parque Kruger e mandados a outras reservas onde não havia elefantes. Não foram removidas famílias inteiras porque na época não havia equipamento capaz de transportar os adultos.

Os elefantes costumam viver em bandos muito unidos, nos quais os mais velhos ocupam o papel de educadores, em um sistema de hierarquia muito bem definido que coordena e determina constantes interações. Segundo o artigo, sem a orientação e o controle de adultos experientes, os jovens elefantes tornaram-se extremamente agressivos e desenvolveram comportamentos anti-sociais totalmente diferentes das condutas habituais da espécie. Atacavam e matavam, em grupo, seguindo um padrão: derrubavam os rinocerontes, ajoelhando-se sobre seu corpo e nele cravavam as presas, num verdadeiro banho de sangue.

A falta de orientação de elefantes mais velhos provocou danos muito severos no desenvolvimento dos jovens, criando “delinquentes juvenis”, como constatou David Barrit, do Fundo Internacional para o Bem-Estar dos Animais (Ifaw).

O fato mais surpreendente dessa reportagem, no entanto, diz respeito à alteração hormonal verificada nestes animais. Em Pilanesberg, um dos parques para os quais foram transferidos, o processo de

maturação se alterou de tal modo que vários elefantes machos tiveram a produção do hormônio testosterona iniciada dez anos mais cedo do que o normal.

Em geral, os elefantes ficam mais agressivos durante os períodos em que há explosão de testosterona, porém os machos mais velhos conseguem colocar os jovens na linha, contendo seus impulsos agressivos. Neste caso, além da antecipação, essa intensificação hormonal, que costuma durar apenas alguns dias, chegou a durar até três meses.

Na tentativa de reparar esta situação, a reportagem conta que foram enviadas fêmeas adultas aos locais de atuação das “gangues”:

“Para tentar compensar o erro inicial, as autoridades estão enviando fêmeas adultas aos locais onde as gangues atuam, especialmente os parques Pilanesberg e Hluhluwe-Umfolozzi. Imaginam que as elefantas possam pôr ordem no pedaço, já que as fêmeas têm grande poder disciplinador e costumam desempenhar função organizativa no interior das manadas. Os rinocerontes aguardam ansiosamente a chegada dessas titias.” (VARELLA, 1997, p.91).

Fica evidente, neste relato, a estreita relação entre a herança biológica e a necessidade da presença de um “outro” maduro, para o desenvolvimento pleno do indivíduo. Estes animais estavam privados da relação fundamental de interação com outros seres adultos, capazes de ativar e conduzir seu desenvolvimento dentro das normas de convivência grupal.

Assim também, nos humanos, pesquisas transculturais realizadas por James W. Prescott com 400 sociedades pré-industriais (?) afirmam que experiências sensoriais e afetivas adequadas, durante os períodos iniciais do desenvolvimento, criam indivíduos orientados para a tolerância e para relacionamentos harmoniosos, enquanto que a privação de cuidados e de contato corporal intenso causa distúrbios de conduta e transtornos emocionais, que incluem os comportamentos autista e depressivo, hiper-atividade, perversões sexuais, abuso de drogas, violência e agressão.

As estruturas e os valores sociais modelam as opções individuais. As crenças e atitudes de um grupo social ou de uma cultura, bem como os sistemas não-verbais de significado, os mitos, ritos e metáforas – que dão ordem à experiência e sentido à vida – são constituintes da subjetividade de seus membros. Na oferta de papéis e contra-papéis da Matriz de Identidade, a criança é conduzida a funcionar de determinada maneira, em consonância com as expectativas, os valores, os ideais e os laços sociais de uma comunidade, de um grupo, de uma nação.

A regulação e controle das condutas proporcionam o sentimento de pertencer a uma comunidade, confirmando não só a identidade pessoal, como uma identidade cultural.

Nos tempos de mudanças que estamos vivendo, o rápido avanço científico e tecnológico e o impacto da industrialização, da globalização e dos grandes aglomerados humanos geraram e ainda geram, profundas alterações e até mesmo destruição de antigos referenciais de identidade e de ação.

Novas formas de organização estão se estruturando mais lentamente do que o ritmo das mudanças, ainda sem condições de responder totalmente por suas funções de continência e mediação nas relações sociais e institucionais.

Organizações sócio-emocionais que antes davam certo estão sendo insuficientes para responder às necessidades deste momento. Velhos paradigmas já não estão valendo; hierarquias e estruturas familiares são questionadas, preceitos são negados, modelos são descartados. A rapidez atropela e os meios de comunicação mostram tantas possibilidades, que geram insegurança quanto às escolhas.

O equilíbrio entre permanência e transformação nas estruturas sociais está ligado às relações transgeracionais, na produção e transmissão de valores. A geração adulta transmite aos jovens seus princípios norteadores, os jovens os contestam, buscam novas possibilidades, experimentam alternativas e a revisão daí decorrente promove o avanço social.

Quando esta revisão precisa ser acelerada e os adultos não têm respostas suficientes para as questões levantadas pelo momento histórico e mostram incompetência em criar condições satisfatórias de existência, não são reconhecidos como modelos e os jovens não só questionam, como recusam a influência familiar e a autoridade parental, buscando alternativas que possam proporcionar melhor qualidade de vida. Esta recusa se estende à transmissão de valores e às normas de convivência tradicionais, mesmo àquelas que podem e devem continuar valendo para as novas circunstâncias. Num movimento de auto-afirmação individualista, substituem vínculos familiares por grupos de apoio mútuo, com estrutura menos consistente do que os laços originais, onde buscam novos códigos e rituais que reforçarão a sua identidade e lhes fornecerão normas de conduta.

Como forma de inserção, pertencimento, respeito e confirmação, assumem comportamentos desafiadores valorizados pelo grupo - o sexo precoce, a promiscuidade, as drogas, a velocidade, as transgressões, quando não a agressão, a violência e o crime.

Estatisticamente, observa-se, no mundo inteiro, que os homens são os que recorrem mais frequentemente à violência física. Adolescentes e adultos jovens do sexo masculino são os responsáveis pela maioria dos assassinatos, lesões corporais graves ou violência sexual. São também os maiores usuários de drogas de todo o tipo.

Quando há convulsão social ou mudanças desestabilizadoras, os homens sofrem o maior impacto, porque a construção de sua identidade de gênero depende muito de papéis determinados pela cultura. A sociedade pós-industrial, altamente complexa, não facilita a inserção do jovem na comunidade adulta. Os rituais definidores da masculinidade estão ausentes ou distorcidos e tarefas tradicionais que eram prerrogativas do sexo masculino deixam de sê-lo.

A identidade da mulher é mais estável, depende menos da cultura e da estrutura social. Ela não precisa tornar-se, mas apenas ser. Mesmo em tempos de crise e profundas transformações, a própria biologia lhe fornece um sentido para a existência e a maternidade a define e confirma. Não é o caso, aqui, de discutir as implicações e prejuízos aí envolvidos.

Ao serem privados dos sistemas simbólicos de referências e pautas de comportamentos que confirmem sua dignidade e seu valor para a comunidade, os homens ficam expostos a sentimentos de vergonha e humilhação pessoais, que tendem a ser encobertos pela construção de um "falso self" adulto, agressivo, "bem sucedido" (em qualquer parâmetro que isso seja possível).

O jovem desempregado é mais vulnerável ao ingresso na criminalidade, uma vez que o desemprego ou o subemprego mexem com a sua auto-estima e o fazem pensar em outras formas de conseguir espaço e reconhecimento na sociedade. Com dificuldade para entrar no mercado de trabalho, fortemente estimulado para o consumo, sem modelos consistentes que se contraponham ao que lhe é oferecido (apoio, prestígio, sentimento de pertencer a um grupo, o poder que uma arma representa), torna-se uma presa fácil para a transgressão e até mesmo para o crime organizado.

Impulsos primitivos determinados por fatores biológicos e hormonais (além, naturalmente, dos aspectos psicológicos) provocam nos homens uma intensa busca de auto-afirmação e exercício do poder pessoal; modulados e ritualizados pela cultura, são equilibrados pela empatia com os sentimentos das outras pessoas e pelo sentido comunitário do bem coletivo. Na raiz da incapacidade de solucionar amistosamente os conflitos e controlar impulsos agressivos, encontra-se a ausência deste equilíbrio. Modelos de individualismo competitivo e sucesso a qualquer preço, promovem um generalizado endurecimento e baixa tolerância à frustração – ao menor sinal de contrariedade ficam furiosos e não conseguem medir as consequências de seus atos.

A sociedade brasileira não é uma cultura de valores éticos fortes. Somos o resultado da mistura de muitos povos que, ao deixarem para trás suas terras de origem, deixaram também pautas de conduta e referências culturais, abertos a novas influências.

O esforço de adaptação a novas realidades, relativiza as convicções. Como resultado, a flexibilidade tornou-se um forte traço do povo brasileiro. Não há padrões rigorosos de certo e errado que existem em outras sociedades. Os estímulos sociais são para "subir na vida", buscar a realização imediata dos desejos, cultivar a eterna juventude, desfrutar a vida sem pensar muito.

Quando os referenciais são tão frágeis e não há uma clara noção de prioridades e do sentido básico da vida, como os pais ajudarão os filhos, na transmissão de valores e aprendizagem das regras de convivência, se eles mesmos não têm clareza a respeito?

O êxodo rural acrescenta mais um elemento neste contexto. Nas comunidades periféricas às grandes cidades, concentram-se adultos impotentes e perplexos, desenraizados de seus valores culturais, que migraram do interior em busca de uma vida melhor e se depararam com uma realidade muito diferente daquela que sonharam. Nessa realidade, suas referências não servem mais, suas competências - apropriadas, úteis e dignificantes no contexto anterior - se esvaziam e sua identidade entra em colapso.

Pessoas desesperançadas, vencidas e sem ideais tendem a ser negligentes; vítimas de violência tendem a ser violentas; abusado torna-se abusador. Maus tratos, abusos e negligência, rupturas e conflitos constantes na família são um ótimo caldo de cultura para a criminalidade.

CONCLUSÕES

Podemos concluir que a ausência de laços familiares fortes, cultivados por contato corporal e cuidados amorosos, aumenta a probabilidade de uma criança desenvolver comportamentos agressivos.

Elemento importante e decisivo no combate à violência é, portanto, uma Matriz de Identidade que possa oferecer relacionamentos iniciais de boa qualidade e que, através de seus preceitos e rituais, possa passar adiante os valores de sua comunidade, orientar e limitar as opções e ajudar os jovens a lidar com a frustração pela tolerância às exigências da realidade, visão de médio e longo prazo e senso de pertencer a um grupo.

A presença de adultos maduros e com capacidade de contenção psíquica, que possam servir de modelos e suporte emocional e assumir as tarefas de tomar conta dos mais novos, preservando o equilíbrio e a estabilidade cultural, através de comportamentos adequados às demandas do momento e às contingências sócio-culturais, é fundamental para a transmissão dos valores humanos de amorosidade e respeito ao outro.

Ainda que a falta de condições mínimas de afeto e de convivência dentro da família possa ocorrer em qualquer modelo familiar e em todas as classes sócio-econômicas, a privação sócio-cultural, em seus aspectos tanto econômicos como psicológicos, dificulta e empobrece sobremaneira as possibilidades das famílias fornecerem uma Matriz de Identidade adequada.

Uma sociedade saudável é aquela que oferece condições sócio-econômicas e culturais para que as famílias possam desempenhar a contento suas tarefas e deveres em relação às crianças.

A busca de soluções para o problema da violência deve contemplar, portanto, ao mesmo tempo, o combate à violência estrutural da sociedade, eliminando a exclusão social e educacional, e a proteção e promoção das funções matrizadoras das famílias na construção das subjetividades. O fim da violência nas ruas começa dentro de casa.

Referências bibliográficas:

1. FASSA, B. e ECHENIQUE, M. Poder e Amor – A Micropolítica das Relações. São Paulo: Editora Aleph, 1992.
2. MONTAGU, Ashley. Tocar: O significado humano da pele. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
3. MORENO, J.L.. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1974.
4. VARELLA, Flávia. Pais Ausentes. Veja, p.91, 15 de outubro de 1997.
5. Citado em MONTAGU, Ashley. Tocar: O significado humano da pele. São Paulo, Summus Editorial, 1998. p. 309.

» *Este artigo foi publicado na Revista Brasileira de Psicodrama.*